O IMPACTO DA SAÚDE MENTAL DOS ESTUDANTES COM AUTISMO (TEA) NO AMBIENTE ESCOLAR: INCLUSÃO OU EXCLUSÃO?

Josilene de Lima

RESUMO

A pesquisa analisou a inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no cotidiano escolar, com foco na saúde mental, práticas pedagógicas inclusivas e atuação da equipe multifuncional. A abordagem qualitativa, bibliográfica e exploratória permitiu refletir sobre os impactos da saúde mental na aprendizagem. Os resultados apontaram que, apesar das iniciativas, persistem desafios como exclusão e efeitos adversos na saúde emocional. Evidenciou-se a necessidade de revisar propostas escolares, planos de ação e formação docente, além de planejar currículos que favoreçam competências e habilidades. Conclui-se que a permanência dos estudantes com TEA na escola depende da integração de ações eficazes, alinhadas à BNCC e às legislações, garantindo inclusão real e não apenas formal. A valorização da saúde socioemocional e das intervenções adequadas é fundamental para promover um ambiente escolar inclusivo e acolhedor.
Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; inclusão escolar; saúde mental; práticas pedagógicas; permanência escolar; equipe multifuncional.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; inclusão escolar; saúde mental; práticas pedagógicas; permanência escolar; equipe multifuncional.

ABSTRACT

This research analyzed the inclusion of students with Autism Spectrum Disorder (ASD) in daily school life, focusing on mental health, inclusive pedagogical practices, and the role of the multidisciplinary team. A qualitative, bibliographic, and exploratory approach allowed for reflection on the impact of mental health on learning. The results indicated that, despite various initiatives, challenges such as exclusion and adverse effects on emotional health persist. The study highlighted the need to revise school proposals, action plans, and teacher training, as well as to design curricula that foster specific competencies and skills. It concludes that the continued enrollment and engagement of students with ASD in schools depend on the integration of effective actions aligned with the BNCC (National Common Curricular Base) and relevant legislation, ensuring genuine rather than merely formal inclusion. Prioritizing socio-emotional health and appropriate interventions is essential for fostering an inclusive and welcoming school environment.
Keywords: Autism Spectrum Disorder; school inclusion; mental health; pedagogical practices; school retention; multidisciplinary team.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; school inclusion; mental health; pedagogical practices; school permanence; multifunctional team.

1 INTRODUÇÃO

A saúde mental, relacionada a fatores biológicos, cognitivos, emocionais e sociais, é parte essencial da personalidade e favorece o bem-estar dos alunos (Furtado, 2020). O Transtorno do

Espectro Autista (TEA), descrito pela American Psychiatric Association como condição do neurodesenvolvimento marcada por déficits na comunicação e interação social e por comportamentos repetitivos (APA, 2014), exige planejamentos pedagógicos compatíveis com o nível e maturidade do estudante, já que seus sintomas precoces impactam a vida escolar e social. Nesse sentido, a saúde emocional do aluno com TEA requer acompanhamento constante da equipe escolar, pois a inclusão física representa apenas um aspecto do processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, a escola deve ser um espaço que favoreça o desenvolvimento emocional e a aprendizagem significativa, pois o processo de inclusão é multifatorial e envolve todos os membros da comunidade escolar (Cabral; Marin, 2017 *apud* Guimarães, 2024). Mais do que estar presente em sala, trata-se de garantir participação ativa, estimulando as potencialidades do aluno. Assim, o papel da escola na inclusão do estudante com TEA é fundamental, reconhecendo-o como sujeito capaz de promover transformações sociais e educacionais, com apoio da equipe pedagógica e das políticas públicas.

Incluir vai além da presença física: exige um currículo voltado às necessidades do aluno autista, capaz de reduzir impactos na saúde mental e favorecer a aprendizagem. Para isso, é fundamental implementar ações que promovam o bem-estar de alunos e professores, reconhecendo a saúde emocional como eixo central do desenvolvimento integral em um ambiente escolar marcado por interações e descobertas.

O intuito da pesquisa é analisar algumas questões não explícitas em outras pesquisas bibliográficas, ações efetivas com resultados reais da permanência do estudante autista na sala de aula, dados e reflexões como: Quais são os impactos para a saúde mental e aprendizagem? Quantos alunos assistem e permanecem na aula dia a dia? Quais são as propostas curriculares? Como estão emocionalmente? Percebe-se resultados? A equipe escolar e multifuncional está preparada? Há acompanhamentos? São essas e outras questões que surgem no cotidiano da pesquisa.

Nesse contexto, Furtado (2020) ressalta que o desenvolvimento da competência social favorece a articulação entre aspectos cognitivos e afetivos, contribuindo para que estudantes com Transtorno do Espectro Autista possam interagir e se integrar melhor ao contexto social.

A reflexão aborda saúde mental e inclusão de estudantes com TEA, destacando impactos na aprendizagem e possíveis soluções. A efetividade da inclusão depende de currículos adequados às habilidades dos alunos, mas a falta de ações voltadas à saúde mental pode gerar desequilíbrios emocionais (Vieira *et al.*, 2014).

A pesquisa, de caráter qualitativo, bibliográfico e exploratório, busca compreender como a saúde mental influencia a aprendizagem e a permanência escolar, analisando estratégias que favoreçam melhores resultados. Especificamente, propõe refletir sobre o papel da escola como

espaço de inclusão ou exclusão, relacionar saúde mental e aprendizagem e identificar pontos essenciais para garantir a permanência dos estudantes.

2 DA INCLUSÃO FORMAL À INCLUSÃO REAL DOS ESTUDANTES COM AUTISMO NA SALA REGULAR

A educação inclusiva parte das diferenças existentes e busca compreender o que torna a escola inclusiva. Propõem-se práticas que favoreçam a aprendizagem, o desenvolvimento social e psicológico de estudantes com autismo (Veloso, 2018, p. 14).

O estudante com TEA pode enfrentar limitações para participar plenamente das propostas escolares. Veloso (2018) defende que a inclusão deve ser concebida como processo gradual, envolvendo informação, conscientização e compromisso dos atores escolares. É essencial considerar o papel da educação formal e real, bem como o impacto na saúde mental desses estudantes.

A inclusão formal pressupõe inserção igualitária, mas reconhece que nenhum estudante é igual. Na prática, persistem rótulos e currículos pouco coerentes. A inclusão deve promover equidade, respeito e participação. Para Veloso (2018), isso exige considerar os diferentes contextos humanos e desenvolver práticas pedagógicas articuladas à saúde emocional, tornando a inclusão realidade escolar.

Surge, então, a reflexão: a escola pratica inclusão formal ou real? A formal é garantida por leis, mas, conforme Veloso (2018), cabe à instituição assumir papel ativo na construção de currículos flexíveis e adaptados às necessidades dos estudantes.

A saúde emocional deve ser integrada ao processo de ensino-aprendizagem, por meio de atividades adaptadas e ações socioemocionais que fortaleçam autoconfiança e autoestima em diferentes ambientes escolares. No Brasil, a educação inclusiva formal ainda carece de efetiva implementação, exigindo monitoramento constante entre o previsto nas normas e o necessário para o desenvolvimento socioemocional e acadêmico do estudante com autismo.

Historicamente, a educação especial enfrentou desafios, mas também registrou avanços desde o final do século XIX, com a construção de currículos e formações em salas regulares. A Constituição Federal de 1988 e a Declaração de Salamanca (1994) consolidaram direitos e potencialidades dos estudantes com deficiência, ampliando vagas e garantindo igualdade no ambiente escolar.

Segundo o IBGE (2025), há 2,4 milhões de pessoas diagnosticadas com autismo no Brasil, correspondendo a 1,2% da população. Nesse contexto, Magalhães Secundino e Santos (2023)

destacam que a escola e o ensino da educação básica passaram por mudanças, buscando alinhar-se às necessidades sociais e atender às expectativas coletivas.

A BNCC reconhece o desenvolvimento socioemocional como competência essencial, articulando conhecimentos, habilidades e valores (Brasil, 2017). Fonseca (2016) ressalta que as emoções influenciam diretamente a aprendizagem, tornando experiências prazerosas ou desmotivadoras. No caso do estudante com autismo, práticas pouco familiares podem afetar autoestima e equilíbrio emocional, comprometendo sua inclusão e desempenho escolar.

3 AS CONTRIBUIÇÕES DA EQUIPE MULTIFUNCIONAL NA SAÚDE MENTAL E APRENDIZAGEM NO ESPAÇO ESCOLAR

O aumento do número de estudantes com autismo, apontado pelo IBGE, reforça a necessidade de apoio especializado e acompanhamento multifuncional, conforme previsto na LDB (Brasil, 1996). Nesse contexto, Brito (2017) destaca que a atuação conjunta entre saúde e educação, por meio de uma equipe interdisciplinar composta por fonoaudiólogo, psicólogo, médico, terapeuta ocupacional, psicopedagogo, professor e pedagogo, favorece a autonomia social, escolar e afetiva, embora ainda persistam dificuldades nas salas regulares. A identificação precoce de sinais como ausência de fala, pouco contato visual e dificuldades de comunicação é essencial, devendo iniciar na família e ser fortalecida pelo vínculo escola-família. Cada caso apresenta especificidades que exigem estratégias pedagógicas adaptadas, capazes de desenvolver competências não consolidadas e estimular novas habilidades, em articulação entre educação e psicologia. Entre as práticas recomendadas estão recursos comunicativos, visuais e tecnológicos, além de jogos, histórias e vivências significativas, que contribuem para a construção da identidade e para o bem-estar escolar. Cypel (2006) ressalta que essas experiências produzem efeitos na circuitação cerebral, favorecendo processos de modelagem dentro dos limites da plasticidade do sistema nervoso, o que evidencia a importância da presença de profissionais especializados para garantir acompanhamento adequado e inclusão efetiva.

4 METODOLOGIA

A pesquisa, de caráter qualitativo, bibliográfico e exploratório, analisa os impactos da saúde mental de estudantes com TEA na aprendizagem e permanência escolar. Foram revisados artigos, livros e materiais acadêmicos em bases confiáveis, com foco em saúde mental, inclusão e práticas pedagógicas. A seleção e leitura crítica dos textos permitiram compreender mudanças históricas na

educação especial e refletir sobre permanência escolar, atuação da equipe multifuncional e estratégias pedagógicas, assegurando rigor acadêmico e contribuindo para futuras reflexões sobre inclusão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou que a inclusão de estudantes com autismo ainda enfrenta barreiras no cotidiano escolar, refletindo diretamente na saúde mental e na aprendizagem. Destaca-se a importância das intervenções da equipe multifuncional, da revisão das propostas pedagógicas e da formação docente para garantir permanência e desenvolvimento socioemocional.

A escola precisa integrar ações eficazes, rever currículo e práticas pedagógicas, considerando as necessidades individuais e emocionais dos alunos. Conforme a BNCC e a legislação federal, a inclusão deve articular aprendizagem e saúde socioemocional, fortalecendo autoestima, confiança e autonomia.

Em síntese, a escola inclusiva deve promover equidade, respeito e participação, tornando a inclusão efetiva e não apenas formal.

REFERÊNCIAS

APA-AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.

BRASIL. **Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 7 jul. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Transtornos Globais do Desenvolvimento**: A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996. (LDB).

BRITO, M. C. Transtornos do espectro do autismo e educação inclusiva: análise de atitudes sociais de professores e alunos frente à inclusão. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 30, n. 59, p. 657-668, 2017.

CABRAL, C. S.; MARIN, A. H. Inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão sistemática da literatura. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 33, 2017.

CONRADT, I. D. *et al.* Saúde mental e transtorno do espectro autista: abordagens e desafios. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, Málaga, v. 16, n. 10, p. 1-24, 2024.

FURTADO, E. A.; SILVA, M. L. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão. **Revista Educação e Diversidade**, Salvador, v. 9, n. 2, p. 233-249, 2020.

GUIMARÃES, I. S. A inclusão distópica no Transtorno do Espectro Autista: uma breve análise dos sistemas sociais de exclusão. **Revista Lampiar**, Mossoró, v. 3, n. 1, p. 217-227, 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022**: resultados preliminares sobre pessoas com deficiência e autismo. Rio de Janeiro: IBGE, 2025.

LIMA, R. S.; ROCHA, A. C. A exclusão na inclusão de crianças com autismo. **Revista Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 10, n. 3, p. 55-73, 2021.

MAGALHÃES SECUNDINO, F. K.; SANTOS, J. O. L. dos. **Educação especial no Brasil**: um recorte histórico-bibliográfico. SciELO Preprints, 2023.

OLIVEIRA, V. B.; SANTOS, L. M. **Estratégias práticas de intervenção nos Transtornos do Espectro do Autismo**. São Paulo: Vozes, 2020.

SILVA, G.; ARAÚJO, L.; SANTOS, R. A inclusão distópica no Transtorno do Espectro Autista. **Revista Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 27, n. 54, p. 98-113, 2022.

SOUZA, D. M.; ALMEIDA, R. L. Competência social, inclusão escolar e autismo: estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 25, n. 3, p. 451-468, 2019.

SOUZA, M. T. **Psicologia Escolar**: Que fazer é esse? São Paulo: Cortez, 2018.

VERGAMINI, B. C.; MACHADO, M. V. O desenvolvimento socioemocional e suas contribuições à prática pedagógica. **Cadernos da Pedagogia**, São Carlos, v. 19, n. 43, p. 95-112, jan.-abr. 2025.

VELOSO, L. S. **Reflexões sobre a percepção da inclusão escolar**: a perspectiva de alunos e alunas. Lavras, MG: Universidade Federal de Lavras, 2018.